

humanitas

Vol. LXV
2013

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (coords.), *De ayer a hoy. Influencias clásicas en la literatura*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos / Classica Digitalia. Humanitas Supplementum, 2012, 591 pp. ISBN: 978-989-721-037-2.

Este volume reúne sessenta e quatro dos setenta e dois trabalhos que foram apresentados no Congresso CLASTEIA. Congreso Internacional sobre la pervivencia de los modelos clásicos en el teatro ibero-americano, español y portugués, realizado na Argentina, na cidade de Mar del Plata, entre 23 e 27 de Agosto de 2011. O encontro científico congregou estudiosos e investigadores de Filologia Clássica oriundos, na sua maioria, de Espanha, Portugal, Brasil e Argentina, mas também de Itália, França, Cuba, Porto Rico e Inglaterra. Os coordenadores do volume – Aurora López e Andrés Pociña, da Universidade de Granada, e Maria de Fátima Sousa e Silva, da Universidade de Coimbra – justificam a iniciativa do Congresso e a publicação destes estudos com a necessidade de responder ao “absurdo isolamento” (p. 9) em que têm trabalhado os classicistas de língua espanhola e portuguesa na Península Ibérica e aqueles que, com as mesmas línguas, o têm feito no outro lado do Atlântico. Trata-se, pois, de um projecto de aproximação e de colaboração científica que representa também um esforço de afirmação de duas das línguas mais faladas do mundo, mas cuja visibilidade no universo dos Estudos Clássicos não é ainda muito efectiva.

O tema escolhido para esta primeira iniciativa conjunta foi o da pervivência do mundo greco-latino no teatro moderno e contemporâneo. A ideia não podia ser mais auspiciosa, dado que a área da recepção dos clássicos em geral, e a sua incidência na criação dramática em particular, é uma das que, actualmente, mais tem mobilizado a investigação dos classicistas, revelando-se um ponto de partida suficientemente aglutinador para a realização de um encontro em que mais fácil e produtivamente se verificasse a unidade de interesses de tão diversificado leque de investigadores e se desse a conhecer aquilo que, em cada um dos países envolvidos, se tem feito.

Os trabalhos agora publicados abarcam vários autores e géneros literários da Antiguidade Clássica e as obras dramáticas de autores pertencentes a países dos dois lados do Atlântico, que vão desde o séc. XVI até ao presente. Esta enorme variedade tornava necessariamente muito difícil organizar o livro de forma coerente e consensual, pelo que os coordenadores decidiram apresentar os trabalhos pelo critério dos apelidos dos intervenientes, segundo uma ordenação alfabética. Esta é porventura a maior falha do volume,

porquanto, apesar da óbvia dificuldade de encontrar um óptimo critério de organização, algo se poderia ter feito no sentido de encontrar alguns pontos de contacto e de continuidade entre textos e agrupá-los de acordo com esses pontos convergentes. É o que tentarei fazer na apresentação, forçosamente breve, dos artigos, ordenando-os de acordo com a nacionalidade dos autores dos textos de chegada, ou seja, daqueles textos em que se analisa os modos de apropriação, revisitação ou apenas inspiração dos modelos clássicos.

Começarei pela literatura espanhola, a mais representada neste volume. Seguir-se-á a produção dramaturgica argentina e a de outros países da América Latina de língua espanhola. Em seguida virá o Brasil e, por fim, Portugal. Um último conjunto de artigos, pouco numerosos, são os que se debruçam exclusivamente sobre obras da Antiguidade e ainda alguns outros, tematicamente mais dispersos, que não caberiam nos grupos anteriores.

No universo dos autores espanhóis, destacam-se, como é natural, dois dos dramaturgos do “Siglo de Oro”: Lope de Vega e Calderón de la Barca. Porém, o mais antigo autor tratado é Fernando de Rojas, num estudo que procura mostrar as semelhanças entre a ama do euripidiano *Hipólito* e a personagem Celestina da peça homónima de Rojas, de 1499 (Ana Cecilia Rivabén). Partindo desta peça, um outro artigo tece algumas considerações sobre o termo *tragicomédia*, presente no título de “Celestina”, e o seu uso na literatura espanhola do séc. XVI (María Dolores Rincón González). À dramaturgia de Lope de Vega são dedicados quatro estudos: um analisa a presença do mundo clássico em seis das suas comédias (Mayra Ortiz Rodríguez); outro debruça-se em particular sobre a peça “El Principe Perfecto” (Andréa Antunes); um terceiro mostra os vestígios de Valério Flaco em “El Vellochino de Oro” (Antonio Rio Torres-Murciano); o último procede à análise do tratamento do mito de Perseu e Andrómeda não apenas em Lope de Vega mas também em Pedro Calderón de la Barca (Remedios Higuera González). Na obra deste que é um dos expoentes máximos do teatro barroco espanhol centram-se textos como o que analisa a recriação do mito de Hércules em “Fieras afemina amor”, de acordo com os padrões cristãos (Eliane Demoraes); ou o que detecta em “El Gran Teatro del Mundo” a influência da filosofia de Séneca e a sua concepção da vida como comédia (Julio Juan Ruiz); ou o estudo sobre “Los hijos de la fortuna”, uma adaptação cénica das *Etiópicas* (Ofelia Salgado); e, finalmente, a análise de “Céfalo e Prócris” no sentido de nela assinalar a inspiração colhida nas *Metamorfoses* de Ovídio (Marta Villarino, Graciela Fiadino). A uma outra autora do séc. XVII, Sor Juana Inés de la Cruz, é dedicado um trabalho sobre a releitura

do mito do labirinto na peça “Amor es más labirinto” (Mónica G. Paladino). Os restantes artigos abordam as obras de autores do séc. XX e XXI, como Halma Angélico, pseudónimo de María Francisca Clar Margarit, e a sua peça “La nieta de Fedra” que parece ter alguns pontos de contacto com a “Fedra” de Unamuno e “La malquerida” de Benavente (Aurora López); Miguel de Unamuno e a sua recriação da personagem de Fedra, claramente marcada pelos valores cristãos (Patricia Zapata); Federico García Lorca, cuja obra “El público” é analisada no sentido de se verificar as suas afinidades com as ideias platónicas expostas em diálogos como o *Banquete* e o *Fedro* (Concepción López Rodríguez); María Zambrano cujo profundo débito à tragédia grega está bem patente em “La Tumba de Antígona”, sobretudo no que diz respeito ao tratamento do binómio destino/liberdade, e ao valor da compaixão, sentimento que faz parte da experiência do trágico, tal como nos foi transmitida pelos antigos (Alfonso Lázaro Paniagua); Alfonso Sastre a propósito de uma peça sua sobre o tema do Anfitrião (Viviana M. Diez). Ao teatro do dramaturgo galego contemporâneo Manuel Lourenzo são dedicados três estudos: um analisa o tratamento de personagens clássicas como Édipo, Antígona e Nausícaa em quatro peças suas (María Pilar García Negro); outro centra-se na relação de dependência da sua peça “Liturgia de Tebas” relativamente ao Sofocliano *Rei Édipo*; a terceira debruça-se sobre um tema recorrente na obra deste autor, tema que ele tratou em nada menos que quatro peças – o de Fedra e Hipólito (Andrés Pociña). Ainda dentro da produção contemporânea se inserem os dois últimos autores: Elena Soriano e a sua obra “Medea”, uma revisitação deste mito não sob forma dramática mas sob a forma de um romance parodiado (María Silvina Delbueno); e Luís Riaza, um dramaturgo interessado sobretudo na ruptura com os modelos, ou numa reinterpretação subversiva que parte da sua própria realidade histórica e social: é o que acontece na peça “Medea es un buen chico” (Hernán Ocantos) e em “Antígona ... cerda!” (Ezequiel Gustavo Rivas).

É nos séculos XX e XXI que se concentram os trabalhos sobre a recepção dos clássicos na produção dramática na Argentina. E não é de estranhar que os textos antigos que mais interpelam os modernos dramaturgos argentinos sejam aqueles que são passíveis de uma leitura política, social, ou relativa à questão dos direitos das mulheres, entre outras. Assim se apresenta o trabalho sobre a *Odisea* de César Brie (Alicia Maria Atienza); os que se dedicam a obras do dramaturgo Mauricio Kartun, como “Salto al cielo”, uma adaptação não ortodoxa de *As Aves* de Aristófanes (Milena Escalada); analisada também em outro estudo como uma reflexão metateatral (Emiliano Buis); a revisitação

do mito de Antígona por Giselda Gambaro (María Victoria Coce), Jorge Huertas (Susana Scabuzzo), Gustavo Casanova (María Cristina Silventi) e outros dramaturgos actuais (Lidia Gambon); a influência da poética trágica em Armando Discépolo, o maior representante do *grotesco criollo*, um dos géneros teatrais típicos da tradição argentina (Pablo Moro Rodríguez); uma tradução do *Miles Gloriosus* para a cena (Aldo Pricco); a reescrita do mito de Orfeu por Alejandro Tantanian (Marcela Inés Coll); a releitura do mito de Polifemo numa peça de Horacio Rega Molina (Alfredo Eduardo Frascchini); e as novíssimas experiências dramáticas do jovem Roberto Sayar (Pablo Cavallero). Encontra-se ainda uma breve reflexão e algumas sugestões sobre a tradução de comédias de Terêncio para a cena (Marcela Suárez; Rómulo Adrán; Mariana Breijo; Violeta Palacios; Romina Vasquez).

Continuando pelas recriações dramáticas de temas clássicos em países da América Latina de língua espanhola, destacam-se dois textos sobre autores cubanos: um acerca da influência do teatro clássico na obra de Alejo Carpentier (Inmaculada López Calahorro); o outro sobre o tratamento muito recente do mito de Antígona por Reinaldo Montero e Yerandi Fleites (Elina Miranda Cancela). Uma abordagem política do mito de Antígona se encontra também num dramaturgo de Porto Rico, Luis Rafael Sánchez (José Luis Ramos Escobar). Refiro, por fim, o artigo sobre mitos de rebelião filial em dramaturgos hispano-americanos como Virgilio Piñera, Julio Cortazar, Benjamin Galemiri e Alejandro Tantanian (Stéphanie Urdician).

No campo da dramaturgia brasileira o interesse reparte-se sobretudo por temas e personagens da comédia e da tragédia antigas. Assim temos os trabalhos centrados em peças de Ariano Suassuna, nos quais se sublinham as influências da comédia plautina, nomeadamente em “O Santo e a Porca”, uma releitura da *Aulularia* (Tereza Virgínia Barbosa); o “Auto da Compadecida” (Vanessa Ribeiro Brandão); e, além destas, ainda “O casamento suspeito”, onde se faz a análise do uso do “quid pro quo”, recurso muito utilizado por Plauto (Tereza Pereira do Carmo). Ecos do plautino *Anfitrião* se fazem notar igualmente numa peça de Guilherme de Figueiredo (Carlos E. Gomes). Dentro de um registo mais trágico, é analisado o tratamento moderno do mito de Orfeu por Vinicius de Moraes, quer no sentido de perceber o débito do poeta aos modelos clássicos (Maria José Pérez), quer no de sublinhar as relações que Vinicius estabelece entre este mito que fala do poder da música e o Carnaval brasileiro (Ana L. Souza Ribeiro). Do polémico dramaturgo Nelson Rodrigues se analisa a peça *Anjo Negro*, considerada uma adaptação de *Medeia* de Eurípides (Sônia Aparecida dos

Anjos). A peça “As Confrarias” do dramaturgo Jorge Andrade é abordada sob o ponto de vista da sua relação dialógica com *Antígona* de Sófocles (Andréia Caravello Martins). De revitalização poético-musical do texto euripídiano se fala a propósito de “Gota d’ Água”, de Chico Buarque e Paulo Pontes, peça que se serve do modelo dramaturgicamente de *Medeia* de Eurípides para dar forma a uma acção inspirada em factos reais (Luisa H. Figueiredo Peixoto). Na peça de Jacyntho Lins Brandão, “Que Venha a Senhora Dona” assinalam-se as relações com *Alceste*, de Eurípides, e com o teatro do absurdo (Ana C. Fonseca dos Santos). Forma dramática foi dada igualmente aos *Diálogos dos Mortos*, de Luciano, pelo grupo brasileiro Giz-en-scène (Matías Sebastián Fernández Robbio).

O grupo dos artigos sobre autores portugueses é mais reduzido, mas inclui obras de épocas muito distintas. O autor mais antigo pertence ao séc. XVIII. Trata-se de Francisco Dias Gomes, e dele se analisa a tragédia “Electra”, uma adaptação a partir do modelo de Sófocles (Maria Fernanda Brasete). A obra de António José da Silva, o Judeu, surge nas produções de João Paulo Seara Cardoso, fundador do Teatro de Marionetas do Porto (Susana Maria Marques). Uma leitura política do mito de Antígona é a que assiste a recriação de António Sérgio que surge comparada com a do espanhol Salvador Espriu (Carlos Morais). Um outro artigo reflecte sobre algumas das dificuldades dramaturgicas que o tratamento cénico do Coro do *Hipólito* de Eurípides levantou ao grupo de teatro universitário *Thiasos*, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Ana Seíça Carvalho). O último estudo centra-se numa autora contemporânea, Eduarda Dionísio, e na sua recriação do mito de Medeia em “Antes que a noite venha” (Maria de Fátima Sousa e Silva).

Refiro agora alguns estudos sobre recepção em autores de outros países. Um debruça-se sobre o romance “Morte em Veneza”, do alemão Thomas Mann, nele vendo a presença arquetípica de *As Bacantes* de Eurípides (Ana Maria Belardinelli); noutro se verificam as relações entre Sófocles e o teatro do dramaturgo francês Antonin Artaud (Jorge Mallearel); uma versão árabe do mito de Fedra é apresentada num estudo que a compara com os modelos grego e latino (Celia del Moral).

Para além destes trabalhos que se inserem na área da recepção dos clássicos, outros há que se dedicam a estudar determinados temas ou peças antigas. Muito significativo do interesse e actualidade das questões levantadas pelo mito de Dioniso é o facto de que quase todos estes trabalhos tratam, sob distintas perspectivas, a peça de Eurípides, *As Bacantes*. Assim, o artigo

que propõe pensar a relação entre as bacantes e a categoria do espaço (María Cecilia Colombani); outro que analisa a animalização das personagens femininas (Cecilia Josefina Perczyk); um terceiro adopta o ponto de vista contrário, procurando sublinhar a animalização do masculino, através da figura de Penteu (Elsa Rodríguez Cidre); numa outra perspectiva *As Bacantes* surgem como uma ópera pós-moderna (Giovanni Greco). Interesse semelhante pelas questões do masculino e do feminino se encontram no estudo sobre os discursos das mulheres no *Agamémnon* de Séneca (Carmen Arias Abellán).

Como balanço final, podemos dizer o que de antemão já sabíamos: que toda esta grande variedade de textos e perspectivas é um inequívoco sinal da perenidade dos textos da tradição clássica e da sua riquíssima capacidade de se adaptarem aos problemas, anseios e inquietações das sucessivas gerações que os lêem e revisitam. Mas este volume é ainda um importante testemunho da vitalidade dos Estudos Clássicos, no velho como no novo mundo, e das vantagens da aproximação entre países tão diversos e tão distantes entre si, mas cujas línguas podem constituir pontes de entendimento, quer no plano da investigação em parceria, quer no da divulgação dos trabalhos que se vão produzindo e que, de outro forma, ficariam limitados a um número muito restrito de receptores.

MARTA VÁRZEAS

López Moreda, Santiago, *Hispania en los Humanistas Europeos. Detractores y defensores*, Madrid, Ediciones Clásicas, 2013, 240 pp. ISBN: 978-84-7882-763-3.

Autor de um estudo sobre as origens da designada ‘leyenda negra’, essa corrente de propaganda anti-castelhana que no séc. XVI dava expressão ao sentimento anti-espanhol apelidando este povo de opressor, incapaz de voos intelectuais e humanísticos, grosseiro e insensível, Santiago Lopez Moreda publica agora um estudo numa perspectiva mais abrangente. Provavelmente, conduzido pela pesquisa das razões daquela lenda, o autor trata agora o conceito que fazem da *Hispania* vários humanistas europeus. É aos italianos que dedica o primeiro capítulo em que trata as origens daquela reputação citando documentos de C. Agripa, L. Valla, Pontano, Minturno, entre outros. O segundo capítulo apresenta ao leitor as opiniões que têm da Espanha os humanistas que visitam ou permanecem na corte dos Reis Católicos e depois na corte de Carlos